

EDITORIAL

Os estados nômades e as atitudes estéticas para a vida como força de experimentação de mundos

Estar em estado nômade talvez se aproxime de “uma navegação nômade, empírica e complexa que faz intervir os ventos, os ruídos, as cores e os sons do mar [...] (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 198).

Desde Porto Alegre e Florianópolis, nos somamos a esta movida em direção a pensar sobre nomadismos e desenhos cartográficos em torno à arte, à docência, à pesquisa e à educação, no sentido de exercitarmos outros modos de acercamento à temas contemporâneos: pandemia, clausuras, memórias, espaços educativos...e, enfim, como um direito a pensarmos diferentemente do que pensamos.

Algum tempo depois de propormos esse dossiê temático para a Revista Apotheke não foram poucos os momentos em que nos perguntamos: e se não tivermos submissões que abordem este tema? E se essas questões forem relevantes somente para nós? Com surpresa e alegria, tivemos como resposta um número substancial de artigos encaminhados para a composição deste Dossiê. Artigos que, para além de dialogarem com o que nós organizadoras desta edição já viemos discutindo em nossas pesquisas, nos arremessam para outros territórios: temáticos, conceituais, experimentais. Ou seja, uma gama de outras tantas possibilidades de experimentarmos os nomadismos, trazendo-os para nossas práticas de vida e docência, enquanto lugares que também não se dissociam.

Com isso, lançamos convites para que outros pesquisadores se sentissem impelidos ao compartilhamento de suas narrativas e investigações em torno ao tema dos Nomadismos e, a partir disso, hoje compusemos este bonito e diverso dossiê, com treze textos e três ensaios visuais, que nos apontam as múltiplas direções para onde se fizeram chegar nossa proposta inicial. Ao longo desta edição os leitores terão em sua proximidade artigos que nos falam sobre uma certa aposta em assumir-se em trânsito: de ideias, de posturas, de ações nos espaços relativos à arte, à educação, à cultura visual, entre outros que também se presentificam nestas escritas.

Enquanto traçado realizado por nós, propositoras deste volume, criamos também nossa própria cartografia a partir dos artigos que nos chegaram, desenhando o seguinte percurso:

Em “**Inventário De Temporalidades (notas cartográficas)**”, Annaline Curado

nos convida a experimentar as pistas deixadas sob a forma de notas escritas e elementos inventariados no transcorrer de um percurso vivido pela autora em cidades de diferentes estados brasileiros, bem como em diferentes contextos formativos. Destes, extrai matérias para refletir sobre seus processos e as potências poético-educativas que emergem destes trânsitos.

Em **“Derivas pelo arquivodocente”**, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues traça um recorrido em seus percursos docentes-artísticos entre os anos de 2017, 2018 e 2019, frente à disciplina Produção Artística 1 (LAB1), do curso de Bacharelado em Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás. No texto, a autora aciona seu *arquivodocente*, desfiando suas percepções e aprendizagens em torno aos fazeres de uma docência que não prescinde das relações entre educação, arte e vida, inclusive como um modo decolonial e feminista de posicionar-se em meio aos espaços de formação e criação acadêmicos.

Com uma mirada autobiográfica e descolonizadora, as autoras Imara Queiroz Bispo e Célia Regina da Silva problematizam a noção de nomadismo articulada às discussões do feminismo negro e das relações étnicas raciais. O texto intitulado **“A Perspectiva Contemporânea de Nomadismo na Trajetória de uma Professora Negra”** convida o leitor a um deslocamento perceptivo em torno do referido tema, a partir das memórias e narrativas reconstruídas pelas autoras.

Dos desejos de compor junto às forças advindas da arte, dos processos de criação e dos diálogos com as filosofias da diferença, as autoras Tamiris Vaz e Lucia Estevinho apresentam os inúmeros traçados realizados junto ao grupo de pesquisa “Uivo: matilha de estudos em criação, arte e vida”. No texto intitulado **“Potência do uivo para existências nômades em Matilha”** as pesquisadoras narram acontecimentos e intensidades que emergem dos encontros e da aposta em provocar fissuras no campo da arte e da educação.

A partir de um olhar sobre uma prática de estágio docência, o artigo **“Figurações nômades em manipulações digitais: experimentações de um Estágio de Docência em Artes Visuais”** apresenta reflexões sobre agenciamentos nômades que se inscrevem em processos de criação de imagens digitais, tomadas como possíveis caminhos para entender os processos de subjetivação na contemporaneidade e, conseqüentemente, como caminhos para a experimentação de uma subjetividade mais libertária, segundo os autores Gustavo Barrionuevo, Eliane Rose Maio e Roberta Stubs.

Conhecer um processo formativo a partir daquilo que dizem as palavras que circulam entre textos, espaços, lugares da arte e da docência. A palavra tomada enquanto territorialidade. Partes destes aspectos são tomados como pontos de partida na pesquisa de Elaine Schmidlin; Flávia Gabrielle Rossinski e Vivian Ellwanger Leyser que interrogam: “Como a palavra pode ser apreendida como movimento nômade que ativa outros modos de se compreender a formação docente?”, discorrendo sobre tais movimentos no texto intitulado **“A palavra nômade em uma pesquisa com a formação docente em Artes Visuais”**

Desde uma aposta no caminhar e na deriva como práticas artísticas e de pesquisa,

Sávio Farias nos convida a conhecer de perto seus trânsitos pela cidade de Sobral-CE, enquanto desvela ao leitor seus arquivos, fotografias, anotações e desenhos que se configuram como registros destas travessias no artigo **“Batendo perna por aí: arquivos de percursos, algumas caminhadas”**.

Relações entre memória, espaços afetivos, casas habitadas, nomadismos e outras fabulações configuram as matérias do artigo **“Reconstruir a casa: habitações e nomadismos em poéticas da memória”** apresentado pelas autoras Luanda de Oliveira Rainho Ribeiro, Luiza Rodrigues Reginatto e Sandra Correia Fávero. Na escrita, povoada por imagens de suas poéticas, as artistas narram seus percursos entrelaçados a partir do encontro dado em um grupo de pesquisa e dos desdobramentos que dele se originam.

Das escritas ao povoamento de imagens, esta edição da Revista Apotheke ainda traz algumas propostas de Ensaio Visuais que dialogam e complexificam nossos modos de pensar/viver os nomadismos e os desenhos cartográficos em pesquisa, arte e educação. Assim, temos em nossa composição:

O ensaio visual **“Sobre o meio (sem fim – nem - começo)”** fruto da pesquisa proposta por Matheus Bitencourt, traz à tona, por meio de imagens, as errâncias de um processo artístico, no qual o andarilhar, os fluxos e movimentos do artista são partes fundamentais para que se responda à pergunta “Como se dá um processo e quando se dá um processo?”

Sobre processos de experimentação de si, de explorações de memórias, materiais, músicas e outras materialidades, temos o ensaio visual **“Do expelir-se: Os primeiros estudos para Eco”**, de Eco Zazu e Débora Pazetto Ferreira, que nos convocam à uma imersão em suas imagens e ensaios drag- fotográficos para que conheçamos parte deste tornar-se Eco.

Encerrando a sessão de Ensaio Visuais desta edição, apresentamos a proposta de Milton Machado, **“História do Futuro (2022, em progresso)”**. O ensaio reúne uma série de imagens referentes à diferentes períodos de sua produção artística, com estéticas e montagens atravessadas pelas relações metafóricas de nomadismos, territórios, memórias, sonhos e desejos.

Numa espécie de inflexão do trajeto, este dossiê se alarga também para diferentes pensamentos e pesquisas que se constituem aqui como um permanente diálogo com arte e docência. De tal modo, a organização da demanda contínua movimenta-se da seguinte maneira:

No artigo **“Trans-bordamentos na poesia slam: o ver, o existir e o ocupar”**, os autores Jossier Sales Boleão e Alice Fátima Martins, nos trazem diferentes perspectivas sobre as noções de borda, fronteira e deslocamento, a partir daquilo que produz irrupções. Neste caso, a poesia *slam* é assumida como um caminho provocativo que convida a outras formas de ocupar espaços, de visibilizar modos de existência marginais e enfatizar práticas do ver não hegemônicas.

As autoras Joviana Jensen, Tharciana Goulart da Silva e Jocielle Lampert, em seu artigo **“A contribuição do Diário de Estudos para a Docência em Artes Visuais”**,

nos apontam discussões importantes sobre a relevância dos diários de estudos e seus usos como instrumentos de pesquisa, documentação, organização de ideias, pensamentos e planejamentos no âmbito do ensino das Artes Visuais. Neste caso, o diário de estudos percorre caminhos entre o visual e o escrito, o que nos permite uma aproximação com as relações teórico práticas dos movimentos formativos da Educação Básica.

Num ato ensaístico, Wilson Roberto da Silva, nos apresenta em “**Um processo visual endógeno com nomadismo de meios e imagens,**” uma parte de sua pesquisa a qual envolve a migração de imagens produzidas em diferentes tempos e espaços. O autor também relaciona esses deslocamentos das imagens com seu próprio deslocamento territorial que nos é apresentado numa série de imagens endógenas produzidas pelo autor com diferentes técnicas e as quais constituem uma tessitura única com sua escrita.

No artigo “**Recombinações artísticas e tecnológicas como possibilidade de resistência política,**” Henrique de Souza Bitelo e Cláudia Luiza Caimi, nos provocam a pensar nos movimentos de dissidência nos modos de produção artística e de utilização das tecnologias desde as vanguardas modernistas. De tal modo, constituem uma escrita em torno de uma revisão bibliográfica com diferentes autorias, as quais nos permitem pensar conceitualmente sobre resistência política possibilitada mediante diferentes recombinações artísticas e tecnológicas.

Ariane de Almeida Mendes e João Vilnei de Oliveira Filho nos apresentam um recorte temporal de uma coleção de documentos arquivados e suas diferentes possibilidades dentro de uma pesquisa e produção artística. O artigo intitulado “**Simulação de trajetória narrativa entre cidades e outras notas em trânsito**” provoca um olhar curioso e atento às técnicas, padrões, ordenações e arranjos distintos com documentos guardados entre os anos de 2018 e 2020. Amari, persona auto ficcional da escrita, se embrenha entre trajetórias e narrativas arranjadas em diferentes cenários e composições.

Desde um olhar atento aos nomadismos e cartografias produzidas por diferentes pesquisadoras e pesquisadores, a série de artigos e ensaios visuais que compõem essa edição da Revista Apotheke abrem passagens para que possamos conhecer a diversidade de usos, compreensões e práticas que se desdobram destes conceitos/abordagens. Os nomadismos e as escritas cartográficas mostram-se profícuos enquanto objetos de estudo, modos de fazer e experimentar em arte, educação e pesquisa, a fim de explorarmos de forma mais ativa as diferentes realidades e contextos nos quais nos encontramos, ao menos provisoriamente.

Desejamos a todas e todos um bom percurso por entre as diferentes territorialidades aqui apresentadas.

Aline Nunes (UFRGS)

Angélica D’Avila Taschetto (UFSC)

Organizadoras do Volume